

NARRATIVAS DA MODERNIDADE EM ROCHA POMBO: REFLEXÕES SOBRE UMA LITERATURA SIMBOLISTA

NARRATIVES OF MODERNITY IN ROCHA POMBO:
REFLECTIONS ON THE SYMBOLIST LITERATURE

Sílvia Gomes Bento de Mello¹

Resumo: *O presente artigo tem por objetivo problematizar o conto 'Em torno da Terra', escrito José Francisco da Rocha Pombo, publicado em 1896 na revista 'O Cenáculo', percebendo-o como um texto de orientação simbolista. Para tanto, percorrer-se-á duas etapas: a primeira consiste em analisar a interioridade do texto literário, percebendo como seu enredo, que versa sobre a construção de uma enorme ferrovia que circundaria a Terra, apresenta elementos de crítica à modernidade. A segunda consiste em avaliar na vida de Rocha Pombo os elementos que o encaminham a uma escrita simbolista.*

Palavras-chave: literatura; Simbolismo; modernidade; ferrovia

Abstract: *The present article aims to discuss the short story 'Em torno da Terra' (Around the Earth), written by José Francisco da Rocha Pombo, published in 1896 in the journal 'O Cenáculo', realizing it as a text of symbolist orientation. Therefore, two steps will be taken – the first will examine the interior of the literary text, realizing how its plot, which versifies on the Construction of a railway that would go around the Earth, presents critical elements to modernity. The second consists of evaluating the life of Rocha Pombo and the elements that put him in the symbolist writing.*

Keywords: literature; Symbolism; modernity; railroad

Em Torno da Terra

O século iria morrer... anunciava Rocha Pombo², em um conto publicado em um periódico curitibano, de orientação Simbolista, em 1896 (POMBO,

1 Doutora em História pela UFSC. Professora do Departamento de História da Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO-PR.

2 José Francisco da Rocha Pombo (Morretes, 1857- Rio de Janeiro, 1933) – escritor, jornalista e político que teve significativa presença no ambiente intelectual do Paraná, nas últimas décadas do século XIX, defendendo ideias abolicionistas e republicanas. Na literatura, identificara-se com o Romantismo nos anos de 1880, para, na virada do século, aproximar-se da estética Simbolista.

1896, 22). E tal passagem de século prometia mudanças: a novidade ligava-se à construção de uma ferrovia capaz de dar a volta em torno da Terra em apenas 24 horas. A estrada seria o marco inaugural do século XX: a expectativa de seu engenheiro, Mr. Armand Candal, era de uma primeira viagem em 1º de janeiro de 1901 – com a promessa de se constituir um veículo que irmanaria os povos, o trem saudaria, ao longo de seu trajeto, *todas as nações da terra*. Realizaria sua viagem, sem que nada lhe servisse de empecilho: nem montanhas, nem oceanos, nem geleiras, nem desertos – nada, nem ninguém seria capaz de detê-la: ela vagaria, soberana, sobre os mais variados climas e paisagens do planeta. Materializaria, assim, o ensejo, característico da modernidade do século XIX, de domínio da ciência, de racionalização dos espaços, de soberania da técnica e da razão.

Com efeito, os trens encarnaram, no século que lhes viu nascer, a possibilidade de ser moderno. A velocidade, o encurtamento das distâncias, o desenvolvimento econômico e do território, a paz universal seriam consequências inevitáveis da soberania do engenho humano. Sendo assim, Rocha Pombo foi perspicaz ao tomar a ferrovia como tema para seu conto: a escolha lhe permitia colocar em causa aquele fim de século em que vivia, bem como os *mitos da modernidade*. Tomar a construção de uma estrada de ferro como um grande acontecimento – o que, aliás, não se distancia do que foi corrente no mundo Ocidental ao longo do século XIX – potencializa as possibilidades de seu autor questionar as ambiguidades, contradições e devaneios que atravessavam o seu presente. E a escrita do conto *brinca*, justamente, com as crenças e significações que haviam sido atribuídas à ferrovia e à engenharia, nos permitindo que o vislumbrássemos como um lugar de realização de uma galhofa em relação à modernidade.

Assim, na história criada por Rocha Pombo, as distâncias entre Paris e o Saara, Arábia e o México ou entre as ilhas da Oceania e o Atlântico eram percorridas como que em um pulo. Para tanto, o comboio venceria cerca de 500 m/s (POMBO, 1896, 23). O seu funcionamento a plena potência permitiria que se desfrutasse por um pouco mais de tempo as estações situadas ao longo do caminho. Seria verdadeiramente uma petulância da engenharia tal realização: a técnica permitia o controle da intrincada relação tempo-espaço – bem como do delicado equilíbrio noite-dia: em Calcutá, ponto inaugural da estrada, *“a noite derradeira do século moribundo passou-se como se passara o dia”* graças a *“uma poderosa lâmpada elétrica [que] iluminava quase todo sul do Continente”*³ (POMBO, 1896, 27). A

3 Para tornar mais corrente a leitura, optou-se por atualizar a grafia do conto *Em torno da Terra* em todas as citações feitas dele, ao longo deste artigo.

hegemonia humana sobre o território e sobre a natureza, seu controle sem precedentes sobre a vida no planeta eram promessas do desenvolvimento técnico que se atingira então.

E Rocha Pombo bem conhecia o papel das ferrovias nesse contexto. Elas seriam capazes, por exemplo, de constituírem uma nova geografia para o planeta, na medida em que colocavam ou retiravam localidades *do mapa*. Assim, a aridez do Saara ganhara uma cidade cuja população já se contava ser três ou quatro vezes maior do que a de Londres, com apenas dois anos do início da construção de uma estação ferroviária por lá (POMBO, 1896, 29). Calcutá tornara-se a cidade mais importante do mundo, tendo aumentado 500 vezes, já subindo as encostas do Himalaia (POMBO, 1896, 26-27). Caracterizava-se, assim, um fenômeno tipicamente moderno, do qual as estradas de ferro foram protagonistas: o surgimento e o inchamento de cidades a partir da chegada dos trilhos numa dada localidade, bem como o seu poder de conferir centralidade e importância a regiões que, de outra forma, estariam condenadas à marginalidade.

Nesse contexto, Pombo constata ainda: *“parecia que a humanidade desertara as outras zonas da terra, afluindo para aquela linha interminável em que se concentrava a vitalidade do planeta”* (POMBO, 1896, 29). A vida seria, assim, semeada nas bordas dos trilhos: por onde o trem passasse, estariam garantidos a riqueza, o progresso, a aglomeração de gente e do comércio. Por extensão, a ausência de trilhos seria a morte, o deserto. E essas coisas independiam das benesses do clima ou do solo – a condição de *deserto* ou de *Terra da Promissão* já não seria atribuída pela natureza, mas pelo engenho humano. A presença ou ausência dos trilhos significando *vida* ou *morte* para uma dada região evidencia, mais uma vez, o quanto a temática da estrada de ferro é eminentemente moderna: assim, se tomarmos as interpretações de Walter Benjamin sobre a modernidade⁴ – em boa medida feitas a partir de suas leituras de Charles Baudelaire, a quem considera o primeiro poeta moderno – constatamos o quanto a modernidade se estabeleceu sobre ruínas – as ruínas de uma vida anteriormente pujante.

Incontornavelmente, o conto de Rocha Pombo carrega essas questões, que são tão intrínsecas à modernidade. Numa modernidade regida pela

4 “Podemos dizer que a reflexão benjaminiana não se limita a descrever os aspectos da vida social dentro da própria modernidade. A leitura de Baudelaire, por exemplo, traz uma crítica à concepção de progresso e o desejo de ruptura com a estrutura temporal de avanço linear. Baudelaire aparece como um indivíduo em luta contra a técnica, contra a ameaça das massas urbanas, a fragmentação do mundo, a perda da aura, a efemeridade dos objetos. Um estado de ruínas respondido pelo poeta com descrições alegóricas, ‘a máquina ferramenta da modernidade’, a linguagem que articula a modernidade e o novo a partir de uma postura heróica, a única possível frente os destroços do mundo moderno.” (GARCIA JUNIOR, 2008, 30-31)

velocidade e pela mudança, a produção de ruínas é uma operação sempre latente: longe dos trilhos e das estações projetadas por Mr. Candal, as regiões caíam em ruína⁵. Confrontamo-nos, assim, com um contexto em que encantamento e fantasmagoria parecem compor os dois lados de uma mesma moeda: *“o século que rodeia [Baudelaire] e que [...] parece florescer e desabrochar-se, assume a aparência terrível de um deserto”* (JALOUX, Edmond APUD: BUCK-MORSS, 2002, 225), elucidando o pensamento benjaminiano. De fato, embutido ao que carregava de novidade, progresso e magia, o moderno permeia-se de ruínas, catástrofes e morte – ainda que, por vezes, escamoteadas em silenciamentos, seja necessário *“escovar a história a contrapelo”* (BENJAMIN, 1994, 225) para identificá-las. A velocidade atingida pelos trens – inédita para os padrões do século XIX – colocava ainda o homem diante da fragmentação e da fantasmagoria. Alterando a percepção espaço-temporal, os efeitos da velocidade geram a experiência do choque: afinal, sob a velocidade tudo se dissipa rapidamente.

Assim, tal qual na poesia de Baudelaire, em que o cidadão se apaixona por uma passageira que não mais tornará a ver, as ferrovias também aceleravam as vivências: vistas da janela do trem, as paisagens se sucedem freneticamente, solapando a possibilidade de vivenciá-las. Nesse excesso de presente e de choque, toda experiência se torna rapidamente pretérita: a moça por quem se apaixonou, no tumulto da rua; as paisagens superadas no avanço do trem. O mundo, visto a partir do trem, fragmentava-se, enquanto *“aquele comboio sobrenatural ia vencendo o espaço [...] [como um] relâmpago”* (POMBO, 1896, 28). Arábia, Saara, Atlântico, Estados-Unidos, México, Cuba: sob o signo do fugaz e da vertigem, a locomotiva passava por todas essas estações. Como vivenciá-las plenamente em tão pouco tempo? *“Todos chegaram estonteados à primeira estação”* (POMBO, 1896, 29), explicava Pombo. A vertigem – propiciada pela viagem de trem – impedia, assim, o enraizamento da experiência.

Aliados ao choque, à ruína e à vertigem, a novidade, a multidão e o anonimato mostravam-se como um terreno comum para as vivências modernas. Elementos que conduziam ao afastamento de um ritmo de vida mais lento, pautado na tradição e no comunitário, arrancavam bruscamente o homem dos seus vínculos com o passado, para arremessá-lo no turbilhão do futuro. Na maneira utópica com que Rocha Pombo nos apresenta o

5 A respeito das relações entre modernidade e ruína, Katia Muricy, a partir das leituras de Walter Benjamin, constata: *“a Paris destruída pelas reformas urbanas de Haussmann [revela] nas suas ruínas caducidade. [...] a edificação da moderna Paris revela a morte em seus escombros. [...] [Assim,] na velha Paris destruída, nas obras das velhas avenidas que se abrem, revela a verdade do moderno como catástrofe e morte.”* (MURICY, 1998, 206-207)

projeto de construção da ferrovia, o novo delineava-se como uma ruptura drástica com o passado. Com o advento da ferrovia, materializar-se-ia ainda uma vida urbana e moderna: assim, na caracterização de Calcutá – cidade que atingiu proporções tão vastas que foi chamada de *cidade-universo* – Rocha Pombo pontua: “*ai estava reunido tudo quanto a arte, a ciência e a indústria têm de mais excelente na Terra*” (POMBO, 1896, 27).

Sensível, dessa maneira, ao modo como a modernidade se constitui, Pombo acrescenta que, na cidade indiana em questão, em meio à multidão e ao anonimato, uma multiplicidade de línguas e de costumes graçava, às vésperas do raiar do novo século. Sendo assim, “*foi preciso organizar uma polícia especial e estabelecer um regime extraordinário, de modo a prevenir os incidentes a que se achava exposta uma tão vasta aglomeração de gente*” (POMBO, 1896, 27). A multidão configurava uma experiência ambígua. Havia a magia de se realizar festas públicas e cosmopolitas – com “*cerca de 9 mil bandas militares [tocando] pelas ruas e praças [de Calcutá] hinos de todas as nações*” (POMBO, 1896, 27) e de se estar diante de gente do mundo inteiro. A multidão, porém, é também o lugar do anonimato e da insegurança pelo desconhecido, sugerindo que a aglomeração de gente requer cuidados. Com efeito, o tema da ferrovia trazia, com propriedade, a questão da multidão e de se circular anonimamente em meio a ela: assim, se “*o trem inaugural teria lugares para cerca de um milhão de pessoas*” (POMBO, 1896, 24), que transitariam por diversas estações ferroviárias ao longo de um único dia, tais homens e mulheres – tornados anônimos nesse contexto – não mais estariam circunscritos a viverem, por toda a vida, em uma região imediata e restrita.

Nesse cenário de multidão e de anonimato, Mr. Candal é o único personagem efetivo do conto. Seu fortalecimento é um meio de ancorar a engenharia como força pilar da modernidade. De fato, Candal é circunscrito ao longo do conto como uma figura cujo poder de realização não tinha limites – “*era um homem para quem não havia impossível na terra*” (POMBO, 1896, 26). A personagem encarna toda autoridade, prestígio e ascendência que a engenharia gozava naquela virada de século, tornando-se “*o homem [...] mais glorioso da História*” (POMBO, 1896, 22). A potência que lhe é atribuída – todo o seu poder de fazer e desfazer – é fundamental na caracterização do lugar da engenharia nesse contexto e, sobretudo, na estratégia de crítica à modernidade alicerçada por Rocha Pombo. Por certo, a supremacia que é dada a Candal, delineada através de superlativos e exageros, é um meio de desnudar os mitos modernos, colocar em causa as crenças difundidas a respeito da ciência e da racionalidade. Assim,

Mr. Candal, digamos de passagem, já não era simplesmente um homem célebre: – era uma espécie de enviado de outros mundos, um ente superior, sobre-humano, que tinha vindo a Terra desvendar aos homens coisas até então julgadas impossíveis. (POMBO, 1896, 26)

Ao atribuir a Armand Candal um poder supra-humano, Rocha Pombo *brinca* com um imaginário vigente que não via limites no poder de intervenção que a engenharia teria no mundo. Com efeito, mundo afora, engenheiros aterraram praias, devastaram matas, planificaram morros; construíram pontes, túneis e estradas para aproximar pontos antes isolados entre si. O desenvolvimento da ciência e da racionalidade levaria a um domínio e um controle tamanho da vida e do funcionamento do planeta, que conferia aos homens um poder (quase) divino – ironiza Rocha Pombo. No exercício do exagero e da ironia, Rocha Pombo põe em causa os limites da ciência, da engenharia e da tão festejada modernidade. A figura de Candal é, certamente, o elemento que melhor encampa tal exercício: tudo quanto lhe envolve é repleto de exageros. Sua obra mirabolante, cheia de possibilidades tecnológicas fantásticas e números extravagantes, são exemplos que caracterizam esse acontecimento.

Mr. Armand Candal tomou vulto de personalidade mundial – afinal, seu projeto tinha dimensões planetárias. Nesse contexto, é adorado e seguido pelas multidões: “*nos desesperos de sua glória, via-se obrigado a mudar constantemente de habitação [pois] as multidões em delírio cercavam-lhe a casa noite e dia*” (POMBO, 1896, 26). Evidenciavam-se, assim, em toda essa histeria, os disparates e contrassensos da modernidade. E, assim, a figura do engenheiro se proliferava em imagens:

Por todo o mundo se encontravam bustos e retratos de Mr. Candal, aos milhões; e a sua voz, a sua própria voz era ouvida por toda parte até nos sertões da America, nos desertos da África, em todas as ilhas da Oceania. (POMBO, 1896, 26)

A onipresença adquirida por Candal é expressão da estratégia de nos fazer perceber o irrealizável da modernidade, através do exagero. Bustos de Candal por todos os lugares, sua voz ouvida em todos os confins da Terra: o poder do engenheiro (e da engenharia) não tinha limites e isto estaria registrado em toda parte, não escapando a ninguém sua presença e importância. Com efeito, sua presença se impunha em todos os lugares, descaracterizando e corroendo as expressões locais: a figura de Candal

homogeneizava o planeta. Nesse sentido, sua presença se torna uma espécie de tirania. Aliás, o próprio poder de Candal resvala para o tirânico: “*A um aceno seu, tombaria o czar de todas as Rússias; os exércitos se levantariam, ou Londres deixaria de existir*” (POMBO, 1896, 26), delineia Rocha Pombo. Não havia limites para Candal. A ciência que prometia ser a promotora do bem e da paz, deslizava, assim, para a cisão e a discórdia – pontuando o quão tênue pode ser a linha que separa aqueles dois domínios.

A literatura apresentava-se, então, como um espaço de crítica social e a natureza das críticas de Rocha Pombo não é estranha à literatura do final do século XIX: a excentricidade de Mr. Armand Candal nos faz lembrar outra figura literária: Dr. Simão Bacamarte, protagonista de *O alienista*, obra de Machado de Assis, publicada em livro em 1882. Tal qual Candal, Bacamarte não vê limites para suas ações: engenharia e medicina encarnaram, sobremaneira, o sentido daquela modernidade – ambas foram incumbidas de materializar um mundo mais racional, concreto, lógico, organizado, higienizado. Na mesma medida, as figuras de engenheiros e médicos se mostram propícias para encetarem as críticas à modernidade que representavam: assim, em termos literários, *O alienista* e *Em torno da Terra* foram – ao se valerem do recurso ao exagero, à ironia e à galhofa – meios de desnudar os esgarçamentos da modernidade.

É conhecida a perspicácia de Machado para realizar tal intento – “*com a pena da galhofa [...] relativiza o ‘século de maravilhas’ [...] rindo-se das certezas do cientificismo, de seu culto ao progresso*” (MURICY, 1988, 14). Assim, se Mr. Armand Candal é o engenheiro que não vê limites para pôr em prática os intentos da ciência, Simão Bacamarte, com o mesmo espírito, é o médico que tentará separar os loucos dos sãos e, nesse processo, evidencia o quanto a *normalidade* é relativizável. Encontramos, dessa forma, na personagem de Machado de Assis semelhante crença na ciência como a encontramos em Mr. Armand Candal – que leva o médico, tomado como o “*maior [...] do Brasil, de Portugal e das Espanhas*” (ASSIS, s/d, 17), também a beirar a tirania. Ambas são personagens excêntricas, que testam os limites da ciência e a seriedade com que levam seus projetos às últimas consequências, acaba por torná-los risíveis. Rimos, no final das contas, das pretensões modernistas, dos engodos humanos.

Na medida em que personificam saberes que disciplinam, controlam, classificam, esquadrinham espaços ou pessoas, as personagens tocam no âmago da racionalidade moderna. No que concerne à obra de Machado de Assis, “*Itaguaí fica exposta à plena visibilidade e pode revelar inúmeras possibilidades de sandice*” (MURICY, 1988, 41). Esquadrinhada é também a

Casa Verde: conforme é típico das instituições modernas, o estabelecimento que serve de lar aos *loucos* de Itaguaí é vigiado e disciplinado. Bacamarte se faz em Itaguaí – “A ciência [...] é meu emprego [...]; Itaguaí é o meu universo [!]” (ASSIS, s/d, 17), sentença –, recusando glórias e notoriedades mais amplas. Esse é, por certo, espaço satisfatório para Machado de Assis estabelecer, através de sua escrita mordaz e irônica, críticas ao cunho normatizador que a medicina vinha tomando, afirmando, assim, seu ceticismo em relação à razão universal, ao progresso e à verdade científica. Se Simão Bacamarte opera na escala local, Mr. Armand Candal o faz na escala planetária, adquirindo fama mundial. É o planeta que ele esquadrinha e racionaliza, ao projetar a ferrovia. Seu olhar adquire uma grande capacidade abstrativa, afinal era preciso abarcar o mundo em sua racionalização.

Tal modernidade, conforme anteriormente inferido, não se estabeleceu sem soterrar antigos modos de vida. Contrapondo-se ao olhar lógico, escrutinador, racional e classificador da modernidade, uma percepção guiada por magia, correspondências e similitudes caracterizava as vivências mais tradicionais (ver: FOUCAULT, 2000). A leitura de *Em torno da Terra* nos faz perceber uma certa confluência entre ambas as temporalidades: assim, pululando entre as páginas que narram as aventuras modernas da engenharia de Mr. Candal, encontramos, a respeito da véspera da inauguração da enorme linha férrea, a seguinte passagem:

Houve muitos sábios que julgaram ter notado fenômenos extraordinários no firmamento e muita gente afirmava que durante a noite de agonia por diversas vezes ouvira-se um ronquido cavo e profundíssimo, um tom estertor longo e formidável acompanhado de um certo estremecimento da terra. Fora de dúvida era o século velho que expirava. (POMBO, 1896, 28)

Escapando da racionalidade e do pragmatismo da modernidade, sinais anunciaram o advento do novo século, o êxito do projeto ferroviário. Conforme é típico de vivências mais arraigadas à tradição, a passagem que antecede indica uma conexão entre terra e céu: o que se sucederia na terra é anunciado no céu – “O mundo enrola-se sobre si mesmo: a terra repetindo o céu, os rostos mirando-se nas estrelas e a erva envolvendo nas suas hastes os segredos que serviam aos homens”, conforme FOUCAULT (2000, 23). Nesse sentido, algo subsiste na modernidade, daquele passado que se desejava sepultar. A literatura possivelmente seja o lugar, por excelência, dessa subsistência. Há, nesse sentido, na interioridade do texto literário, uma articulação entre o moderno e o antigo, ou antes, identificamos a constituição

de novas relações com o passado. No conto de Rocha Pombo, para além de *governos, homens de arte, da ciência e da imprensa* (POMBO, 1896, 22), sábios capazes de revelar os segredos que se encontram recônditos no firmamento, ainda encontram espaços para existir.

Podemos considerar que múltiplos tempos coabitam na modernidade, que tempos pretéritos continuavam reverberando no presente, ainda que sofrendo constantes ressignificações. É nessa simbiose que a estética moderna constitui o seu sentido. Assim, “*Benjamin encontra na poesia de Baudelaire a interpretação capaz de conectar elementos simultaneamente atemporais e históricos que possibilitam construir a experiência da modernidade*” (MURICY, 1998, 196). Não escapou a Baudelaire que a expressão da beleza moderna se encontrava, justamente, “[*nessa*] *temporalidade que articula simultaneamente o passado e o presente, a morte e o novo*” (MURICY, 2007, 53). Ou, tal qual Machado de Assis e Rocha Pombo, Charles Baudelaire – de acordo com os escritos de Walter Benjamin – vai se valer da ironia na sua composição poética: numa modernidade em que *o poeta perde a sua aura*, tendo sua função deslocada, ironicamente é que será tomado como herói⁶ – “*é, portanto, no espaço da ironia e da paródia que o poeta articula modernidade e antiguidade*” (MURICY, 1998, 198).

Rocha Pombo, na composição de sua modernidade literária, não escapou desses imbricamentos: a presença de ruínas, fantasmagorias em seus escritos modernos e um certo uso da ironia são artifícios que o aproximam da estética baudelaireana. *Em torno da Terra* é um texto que começa a experimentar tais aproximações, apontando-nos o quanto a tradição ainda coabita com a modernidade. Assim, pode-se inferir, por exemplo, que localizar o ponto zero da linha férrea em Calcutá é inquietante. Lá, “*junto à terra sagrada, berço das nações*” (POMBO, 1896, 24), iniciaria também a materialização do projeto ferroviário e a modernidade do século XX. Assentar no Oriente o início e o fim – a viagem começaria e terminaria em Calcutá – é afirmar a região como uma dádiva e reconhecer a integridade do planeta. O Oriente, certamente, guardava relações com um misticismo que encantava artistas e intelectuais que se identificavam ao *Simbolismo*, caracterizando o quanto essa estética expressa as contradições modernas.

Referindo-se ainda a Calcutá, Rocha Pombo pontua em seu conto: “[...] *abraçavam-se naquela monstruosa Babel [,] o Ocidente e o Oriente*”

6 “*Benjamin observa que ‘Baudelaire era obrigado a reivindicar a dignidade do poeta numa sociedade que já não tinha nenhuma espécie de dignidade a conceder’. [...] Ele é antes um ator que representa a modernidade e o papel do poeta, porque a sociedade só lhe dá o lugar do bufão*” (MURICY, 1998, 198)

(POMBO, 1896, 27). A experiência da multidão e da proliferação de línguas, que fora a perdição da cidade bíblica, tornava-se um fato moderno. De fato, Calcutá havia se tornado a Babel contemporânea: *“imagine-se o que seria a vida naquele grande centro de cinquenta milhões de habitantes de todos os países, falando todas as línguas, com usos e costumes variadíssimos”* (POMBO, 1896, 27). As duas cidades, tão distantes no tempo, identificavam-se em vivências comuns. Mais uma vez, múltiplos tempos coabitam na modernidade. A Babel contemporânea ganha, no entanto, novas configurações, vinculadas a uma lógica moderna: além de polícia especial para controlar e vigiar a multidão (POMBO, 1896, 27), monumentos comemorativos:

Uma das estátuas mais importantes era a de Mr. Candal. O monumento representava-o no instante em que concebera o seu projeto, tendo sobre a frente uma das mãos e a outra estendida, espalmada para a terra, como se quisesse falar ao gênero humano. (POMBO, 1896, 27)

A Índia, de tantos monumentos sagrados e imagens de cunho mágico/religioso, recebe, no conto, a estátua do engenheiro Candal. A figura personifica os anseios ocidentais: o culto à ação de um indivíduo, representado como autossuficiente, autoconsciente e autocentrado. Oriente e Ocidente se abraçam, conforme a imagem utilizada por Rocha Pombo. Há uma simbiose de tempos e espaços, naquela Calcutá circunscrita pelo escritor paraense, que confere beleza e singularidade ao conto. Essa modernidade apresentada por Rocha Pombo se distancia da imagem, tantas vezes reiterada a respeito desse período, que a identifica exclusivamente com uma temporalidade estritamente racional e voltada para o futuro. A escrita simbolista dá vazão a nuances dessa representação, fazendo-nos perceber multiplicidades e ambivalências da modernidade. Na ânsia por circunscrever sentidos mais amplos para a vida, escapando dos ditames estritos da racionalidade moderna, os Simbolistas constituíram correspondências entre temporalidades, bem como entre o *mundo concreto* e o *mundo oculto* ou *espiritual*.

Para além de Babel, o conto de Rocha Pombo faz referências à Atlântida: o lendário paraíso é recriado – através de erupções submarinas que criavam ilhas artificiais – tornando-se uma das estações férrea do Atlântico. Assim, *“submersa por força dos desígnios divinos, pelo mau uso da capacidade de transformação da natureza, por parte dos atlantes, ela é reerguida graças à engenhosidade técnica de Mr. Candal”* (QUELUZ, 1998, 64).

Ambas as cidades – Babel e Atlântida – sugerem, cada qual a sua medida, a necessidade de reconexão com dimensões de sacralidade, que equilibrariam os excessos da racionalidade moderna. Nesse contexto, o historiador Gilson Queluz pondera: “*Em torno da Terra apresenta a utilização de símbolos como Atlântida, o deserto, o círculo que parecem ter por objetivo a dissolução do poder da técnica e da racionalidade*” (QUELUZ, 1998, 135). Dessa forma, o deserto da Arábia – importante berço religioso – também foi eleito como lugar apropriado para receber uma das estações de sua estrada de ferro. O movimento de conquista dos espaços vazios, tão característico da modernidade em questão, conflui com a vivência da sacralidade. O deserto seria, então, o lugar da *redenção* humana: em tradições religiosas (lembremo-nos de Moisés, Cristo ou Santo Antão), este seria um lugar de encontro com o sagrado: “*é no deserto que as grandes tradições, a do templo e a da lei, estão protegidas, sob a superfície guarda a essência do homem*”. (QUELUZ, 1998, 64).

Em torno de Rocha Pombo

Foucault acredita que “*a experiência que configura a literatura moderna ocupa lugar decisivo, estratégico, na episteme da modernidade*” (MOTTA IN: FOUCAULT, 2013, X), o que arregimentaria um conjunto de pressupostos fortemente constitutivos de uma dobra do nosso saber caracterizado pela emergência de individualidades que se valem da palavra para consolidar e delimitar *verdades* no mundo. No exercício dessa arqueologia, verificamos que trabalho e linguagem se fortalecem como campos em que se ancorará o homem. De modo que o homem falante e produtor de riquezas é triunfante no século XIX (FOUCAULT, 2000). De fato, essas questões bem caracterizam a Curitiba em que Rocha Pombo escreve *Em torno da Terra*. Naquele final de século, a capital paranaense estava no bojo de um significativo processo de modernização, bem aos moldes do que se configurava em outras tantas partes do mundo ocidental e que foi problematizado no conto de Rocha Pombo, a partir da imagem da ferrovia.

Ainda a respeito de tal passagem de século, Rocha Pombo escreve um livro comemorativo, em que nos fornece pistas sobre o andamento da modernidade curitibana. Nele, indica que *pari passu* com *as grandes avenidas e bulevares, as amplas ruas alegres, as praças, os jardins e os edifícios magníficos, a luz elétrica e o extraordinário movimento da cidade, Curitiba conta-va com sociedades, clubes e instituições de ordem popular, além de colégios,*

livrarias, tipografias e litografias (ver: POMBO, 1980, 141). Destacamos aqui a percepção de Rocha Pombo de que o pulular de estabelecimentos vinculados ao fomento das atividades de escrita e de leitura era parte constitutiva do processo de modernização daquela capital. De fato, livrarias, bibliotecas, instituições de ensino e tipográficas se alastravam por Curitiba contribuindo para lhe conferir os almejados *ares* de civilização, que a afastavam da tônica do ritmo de vida provincial (ver: MELLO, 2008).

Em última instância, o desenvolvimento das letras – da literatura, do jornalismo – é parte fundante de uma modernidade que precisava se distanciar dos domínios da tradição e da oralidade. Conforme ensina Walter BENJAMIN (1994), a literatura é parte constitutiva da experiência moderna: o indivíduo isolado e encerrado em si, dedicado às atividades de escrita ou de leitura, já nada tinha a ver com o partilhar de experiências que arregimentava a vida comunitária. A literatura engrossaria, assim, a experiência de *morte e de finitude* que Benjamin identifica como crucial na caracterização da vida moderna – *o livro seria a morte das linguagens autênticas* (BENJAMIN, 1994, 55), uma espécie de túmulo, marcando um tempo em que a palavra viva – aquela que se reinventava de boca em boca – perdia o seu imperativo de existência.

No Paraná das décadas finais do século XIX, uma mocidade se reunia ativamente em torno das letras, constituindo e usufruindo de espaços de leitura e de escrita (ver: MELLO, 2008). A revista *O Cenáculo* na qual Rocha Pombo publica o conto *Em torno da Terra* é expressão disto: a publicação, que vigorou entre 1895 e 1897, era uma iniciativa de uma agremiação de moços, simpatizantes do Simbolismo, que formavam um grupo de nome homônimo à revista (eram eles: Dario Vellozo, Silveira Netto, Julio Pernetta e Antonio Braga), que costumavam se reunir, desde os idos de 1893, a fim de realizarem leituras, escritas e discussões comuns. Rocha Pombo, um tanto mais velho do que os moços que vinham se envolvendo em atividades intelectuais em Curitiba, acabou por constituir-se como uma referência, aglutinando-os em torno de si. Assim, não são à toa as suas publicações na revista *O cenáculo*. Por outro lado, tal entrosamento com a mocidade também oxigenava Rocha Pombo: decepcionado com os rumos da política paranaense, o escritor refugiava-se cada vez mais, na medida em que o século XIX findava, nas atividades literárias.

Se nos detivermos na biografia de Rocha Pombo, perceberemos que ela é largamente marcada pela conciliação entre atividades políticas e literárias. Em 1887, transfere-se de Castro (interior do Paraná) para Curitiba, a fim de assumir o cargo de Deputado Provincial, para o qual fora eleito

pelo Partido Conservador. Na Capital, defende muitos dos posicionamentos que já sustentava no jornalismo: a modernização do Paraná através da imigração, da abertura de vias de comunicação, do fomento da indústria e da educação, além da República e da abolição da escravatura. De fato, seja no jornalismo, seja na política, Pombo tomava o exercício da palavra como uma verdadeira missão (ver: SEVCENKO, 2003). Contudo, seus projetos frustram-se sistematicamente: não consegue aprová-los numa Assembleia cuja maioria dos membros pertencia ao Partido Liberal e ainda desentende-se com membros do seu próprio partido, tendo em vista que suas ideias contrariavam, muitas vezes, os interesses dos Conservadores.

Sua situação política no Paraná fica verdadeiramente difícil por ocasião da Revolução Federalista (1893-1895): não simpatizava com as ações e as ideias de Vicente Machado, que assumira o governo do Paraná, quando os federalistas gaúchos invadiram o Estado, ficando ainda mais fortalecido com a vitória florianista ao fim do conflito. Contudo, o que destacamos de sua experiência no caso federalista é a desilusão experimentada diante dos horrores de uma guerra civil: episódio sangrento, com cercos e saques a localidades paranaenses, a Revolução Federalista produziu eventos marcadamente violentos, a exemplo do fuzilamento, no quilômetro 65 da estrada de ferro Paranaguá-Curitiba, do Barão do Serro Azul, importante produtor de erva-mate do litoral paranaense. Tal acontecimento choca profundamente Rocha Pombo, fazendo-o ponderar:

O que se passa ante meus olhos excede todas as loucuras humanas, filia-se à ordem dos crimes monstruosos que vem da negação da moral, que bradam para as alturas e que parece ficar pesando eternamente sobre a cabeça dos povos. (POMBO, José Francisco da Rocha APUD BEGA, 2001, 170)

A ferrovia inaugurada alguns anos antes, em 1885, com a promessa de ser promotora de uma vida moderna e civilizada, tornava-se palco de uma tragédia, de uma violência brutal que era a negação de tudo quanto se esperava dos trilhos. Símbolo incontestado da modernidade do século XIX no Paraná, a estrada de ferro se concretizava materializando as expectativas de integração territorial e aristocratização dos meios de vida: a aproximação entre a capital e o litoral possibilita o aumento de circulação de pessoas, novidades e mercadorias em Curitiba. Com efeito, foi certamente essa ferrovia que entusiasmou Rocha Pombo e fez parte do projeto de modernidade no qual o intelectual investiu anos de vida e de trabalho. O episódio relativo ao fuzilamento do Barão do Serro Azul, em maio de

1894, teria funcionado, no entanto, como uma mácula nos trilhos que ligavam Paranaguá a Curitiba: o Barão, juntamente com outros cinco homens proeminentes na sociedade paranaense de então – todos prisioneiros de guerra – foram sumariamente executados, em uma madrugada em que eram levados de trem de Curitiba ao litoral. A ferrovia torna-se o palco de uma noite negra e sangrenta, verdadeira barbárie, negação da civilização.

Tornando-se a estrada de ferro o avesso do que simbolizava, o acontecimento em questão acirra o sentido de decepção e desencantamento com a modernidade, que vinha afligindo Rocha Pombo nos idos da década de 1890. Por certo, as mortes ocorridas nas bordas dos trilhos contrariavam a promessa de materialização de um Paraná guiado pela concórdia e pela civilização. A República mostrava sua faceta violenta e desagregadora, contrastando-se com os ideais que fizera o intelectual acreditar no novo regime. Se tomarmos novamente o conto *Em torno da Terra*, lembrar-nos-emos da escolha pela ferrovia como fio condutor do enredo e como possibilidade de se constituir como espaço de crítica, encampando os limites e esgarçamentos da modernidade. Nesse sentido, há uma confluência entre vivências do autor e sua obra. O conto, publicado no ano seguinte do fim do conflito federalista, também vai subverter o lugar consagrado pela modernidade à estrada de ferro: reverberando as angústias de Rocha Pombo, *Em torno da Terra* é a escrita de alguém que colocava em questão as certezas do projeto modernista.

Assim, numa escrita onde antes reinavam certezas e científicidades, elementos ligados ao pensamento mágico se insinuavam, além do recurso ao exagero e à ironia: a pena de Rocha Pombo se aproximava, através da escrita de *Em torno da Terra*, da estética Simbolista. É importante reforçar aqui que tal encaminhamento não está apartado dos caminhos de vida de Rocha Pombo: o Simbolismo se materializava como possibilidade de escrita para o intelectual que se desapontava com a modernidade e que percebia que tudo quanto investira de sonhos e trabalho pela modernização do Paraná ruía diante de si. À proporção que se esgotavam os caminhos de ação pela esfera política, Rocha Pombo se refugiava na literatura. Nesse contexto, encontrava conforto nos encontros com os moços amantes das letras: constituía, assim, novos nichos de debate, longe das cadeiras da Assembleia. Nesses espaços mais intimistas – bem ao gosto dos escritores simbolistas –, Rocha Pombo constitui novas possibilidades e novos encaaminhamentos para sua vida intelectual.

Em torno da Terra, publicado na revista editada pelos cenaculistas, está no bojo desse processo. *O Cenáculo* é tido como uma das mais importantes publicações brasileiras de cunho Simbolista, de modo que a aproximação

com o grupo responsável pela sua publicação participou do decurso do seu amadurecimento de crítica à modernidade. Com efeito, observando-se o conjunto dos exemplares da revista em questão, nota-se que Rocha Pombo assinou várias publicações, de cunho reflexivo ou literário. Não mais artigos inflamados que defendiam a modernização do Paraná: agora, o intelectual aproximava-se cada vez mais da escrita Simbolista – que cultivava o atemporal e o universal. Nesse contexto, a escrita literária se mostrava como espaço para manifestar o sentido de deslocamento em relação ao mundo em que se vivia, afinal, “*sempre houve na literatura e na arte modernista uma trajetória sombria e melancólica, que reconhecia e articulava a dimensão destrutiva da modernidade, tanto em suas invenções formais, quanto de seus temas*” (HUYSSSEN, 2014, 89).

Era, portanto, na arte em geral e na literatura em particular que se abrigavam as sombras, melancolias e ruínas da modernidade. Anteriormente, mostramos como isso se configurou em *Em torno da Terra*. Acrescentamos que é, justamente, no bojo de um descontentamento com os rumos que a República e a modernidade vinham tomando que o conto se constitui. Contudo, a relação de *Em torno da Terra* com o Simbolismo e da crítica com a modernidade não são óbvias. A crítica de Rocha Pombo parece um tanto velada, não explícita. Talvez pudéssemos considerar aqui que em *No hospício* – uma obra um pouco posterior à *Em torno da Terra* – aquelas relações estejam mais maduras. *No hospício*, sua mais famosa obra, é tida como um texto de maturidade intelectual: considerado o único livro Simbolista em prosa da literatura brasileira, Pombo o escreveu entre 1896-1900 – justamente o período que sucede a Revolução Federalista, em que se muda para o Rio de Janeiro (1897) e que se adapta à vida na capital da República.

A mudança para o Rio de Janeiro assinala o momento em que não vê mais possibilidades de permanência no Paraná: “*para atirar-se, pois, ao mar [...], era mister que lhe faltasse de todo a terra aos pés, que moralmente o reduzissem à situação de um proscrito*” (SANTOS, 1969, 72), pondera um amigo. *No hospício*, obra que critica tão abertamente os limites da ciência e da civilização, foi possível, portanto, a partir da sua vivência da faceta brutal e excludente da modernidade. O romance que trata da vida e das ideias do jovem Fileto, posto arbitrariamente em um hospício, carrega os questionamentos do seu autor a respeito das incongruências do mundo: “*Que ciência é esta que não cura os loucos!... Que sociedade então fizemos que não salva os seus perdidos*” (POMBO, 1996, 57). A loucura, salienta-se aqui, torna-se o meio e a medida de expressão daquilo que há de paradoxal em tempos rígidos pela razão e pela ciência.

A temática, também escolhida por Machado de Assis em *O Alienista*, coloca em visibilidade tensões e descaminhos da modernidade. Há uma dose de loucura também em Mr. Candal: o engenheiro, como é característico daqueles que são investidos de genialidade, equilibra-se na tênue linha entre a sanidade e a insanidade. Aliás, personagens como Mr. Armand Candal, Simão Bacamarte e Fileto são possibilidades da literatura que apontam o quanto há de sandice na razão. E no que tange especificamente à obra de Rocha Pombo, é válido circunscrever que a loucura, ou antes, os limites da razão, tão claramente problematizado em *No hospício*, vinham sendo gestados como possibilidade de crítica à modernidade desde *Em torno da Terra* – apontando que há elementos que se insinuavam na escrita desse conto que só estarão plenamente desabrochados e, portanto, plenamente possíveis de serem ditos, em obras posteriores.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *O Alienista e outras histórias*. [organizado por M. Cavalcanti Proença]. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- BEGA, Maria Tarcisa Silva. *Sonho e Invenção do Paraná: Geração simbolista e a construção de identidade regional*. Tese [Doutorado em Sociologia]. São Paulo: USP, 2001.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BUCK-MORSS, Susan. *Dialética do Olhar: Walter Benjamin e o Projeto das Passagens*. Belo Horizonte: UFMG/Chapécó: Argos, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as Coisas: Uma arqueologia das Ciências Humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Organizador: Manoel Barros da Motta. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- GARCIA GARCIA Junior, Edgar. *Tempo Narrado: romances e modernidade em Santa Catarina*. Tese [Doutorado em História]. Florianópolis: UFSC, 2008.
- HUYSSSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, práticas da memória*. Rio de Janeiro: Contraponto/Museu de arte do Rio, 2014.
- MELLO, Silvia Gomes Bento de. *Esses moços do Paraná... livre circulação da palavra nos albores da República*. Tese [Doutorado em História]. Florianópolis: UFSC, 2008.

- MURICY, Kátia. *A Razão Cética: Machado de Assis e as questões do seu tempo*. São Paulo. Cia das Letras, 1988.
- MURICY, Kátia. *Alegorias da Dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.
- POMBO, José Francisco da Rocha. Em torno da Terra. IN: Revista *O Cenáculo*. 2º ano, 3º tomo, N.º 19. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1896.
- POMBO, José Francisco da Rocha. *O Paraná no Centenário (1500-1900)*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio/Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Paraná, 1980.
- POMBO, José Francisco da Rocha. *No hospício*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996.
- QUELUZ, Gilson Leandro. *Rocha Pombo: Romantismos e Utopias (1890-1905)*. Curitiba: Aos quatro ventos, 1998.
- SANTOS, Nestor Vitor dos. Rocha Pombo no Paraná. IN: *Obra crítica de Nestor Vitor (vol. III)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Ministério da Educação e da Cultura, 1969.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criações Culturais na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

Recebido em: 08/05/2016. Aceito em: 30/08/2016.